

**Cravos de abril: antecedentes e ecos – (re)lendo Portugal a partir de “Dinossauro excelentíssimo”,
de José Cardoso Pires**

Roberto Nunes Bittencourt

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo
(Sofia de Mello Breyner Andressen)

No dia 2 de outubro de 1925, na aldeia de São João do Peso, distrito de Castelo Branco, nasce José Augusto Neves Cardoso Pires, filho de José António Neves e Maria Sofia Cardoso Pires Neves. Ainda criança, fixa-se em Lisboa. Inicia os estudos secundários no Liceu Camões e, posteriormente, frequenta o curso de Matemáticas Superiores na Faculdade de Ciências, que não chega a concluir.

Passa a se dedicar à tradução e ao jornalismo, iniciando sua carreira na revista *Eva*, em 1949. No mesmo ano edita seu primeiro livro, *Os Caminheiros e Outros Contos*, retirado do mercado pela Censura. Dirigiu a revista *Almanaque*, contando na redação com Luís Sttau Monteiro, Alexandre O’Neill, Vasco Pulido Valente, Augusto Abelaira e José Cutileiro. Segundo José Cardoso Pires “o programa da revista era simples: ridicularizar os provincianismos, cosmopolitizados ou não, sacudir os bonzos contentinhos e demonstrar que a austeridade é a capa do medo e da falta de imaginação”¹. Exilado em

1. Cf. José Cardoso Pires. Entrevista. In. *O Século Ilustrado*, 06/06/1975.

Paris e, posteriormente no Brasil, colaborou no jornal *O Globo*, na página literária, e na revista *Afinidades* publicou crítica textual. A novela *O Hóspede de Job*, de 1963, livro em memória ao seu irmão morto em acidente de avião quando cumpria as obrigações militares, é seu primeiro livro publicado no estrangeiro. Com ele ganha o Pêemio Camilo Castelo Branco da Sociedade Portuguesa de Escritores. Regressa a Portugal em 1961.

José Cardoso Pires sempre foi um escritor engajado politicamente. A temática de muitas das suas obras gira em torno de uma crítica contundente ao regime ditatorial de Salazar e da expectativa de uma revolução, de algo que estaria por vir, capaz de marcar um (re)começo da História de Portugal. De acordo com Izabel Margato: “Cidadão atuante e coerentemente solidário com a luta pela Democracia, José Cardoso Pires soube construir – mesmo antes do 25 de abril – uma obra independente e participativa para fazer frente ao tempo obscuro que lhe foi dado viver”².

Em 1997 recebe o Prémio Pessoa, o Prémio D. Dinis da Fundação da Casa de Mateus e o Prémio da Crítica da Associação Internacional de Críticos Literários (AICA). Em abril de 1998 sofre um acidente vascular cerebral e no dia 8 de julho é internado após um novo acidente. Entra em coma e não mais sai. Morre José Cardoso Pires, deixando-nos um enorme legado literário. A Associação Por-

2. Cf. Izabel Margato. José Cardoso Pires, a construção de uma escrita em liberdade. In. *Semear* 5, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001, p. 218.

tuguesa de Escritores atribuiu-lhe o Prémio Vida Literária, entregue à sua mulher em 23 de setembro. Sobre o autor, disse Paulo Castilho:

Se tivesse de resumir José Cardoso Pires numa só palavra, essa seria verdade. Porque há em tudo aquilo que nos diz a força imediata e sem rodeios das palavras claras. Porque por trás da simplicidade directa com que se nos dirige está a riqueza e humanidade de um mundo complexo. Porque recusa o recurso aos expedientes fáceis da literatura, aos fogos-de-artifício verbais e intelectuais para nos dizer que a única coisa que importa são as pessoas. (Paulo Castilho. **In.** *Público*, 28/10/1998)

Em entrevista a Artur Portela, Cardoso Pires revelou as dificuldades de editar *Dinossauro Excelentíssimo*, afinal “publicar um retrato grotesco de Salazar era coisa que nenhuma casa ousaria”³. Mas a verdade é que o livro saiu e foi bem acolhido. Relembra Cardoso Pires o escândalo monumental na Assembleia Nacional, quando o professor Miller Guerra teve a coragem de afirmar que não havia liberdade em Portugal. Foi uma sessão histórica, um berro de heresia! O deputado ultrafascista Casal Ribeiro correu para Miller Guerra a espumar de raiva e para o desmentir citou como prova o infame *Dinossauro Excelentíssimo* que acabava de ser posto à venda em toda a parte. E, pronto, a partir daí a Censura ficou de mãos atadas. Já não podia apreender o livro que o deputado salazarista tinha citado estu-

3. Cf. Artur Portela. Entrevista. **In.** Cardoso Pires por Cardoso Pires, Lisboa: PDQ, 1991, p.36.

pidamente como demonstração da liberdade do regime, e, menos ainda, promover a prisão do autor⁴.

O que não quer dizer que o livro não tenha sofrido com a censura. Na mesma entrevista o autor conta que o general Câmara Pina, ex-combatente da Batalha do Chiado, andando pelas livrarias da Baixa em operação de intimidação, ordenara a retirada dos livros das prateleiras.

Um industrial (de Santarém, salvo erro) retirou todas as suas encomendas da tipografia que o estava a reimprimir e um administrador da Bertrand, Luiz Forjaz Trigueiros, impediu que o livro fosse reeditado naquela empresa, apesar de já estar assinado o respectivo contrato. Trigueiros era frequentador da Literatura, homem de lobbies financeiros e suponho que sócio da Academia⁵.

Dinossauro Excelentíssimo, de José Cardoso Pires não deve ser pensado como um texto sobre a Revolução dos Cravos. Esta se concretizou em 25 de Abril de 1974. Do livro de Cardoso Pires, consta que foi escrito do “Natal de 69 e Março de 71”, tendo sido publicado em 1972. Mas é, acima de tudo, uma forma de sonhar, através de alegorias e imagens, a Revolução.

Não se trata de um conto, de uma crônica ou de um romance, mas uma fábula. Recorrendo ao Dicionário da Língua Portuguesa, encontramos a seguinte definição para o vocábulo: “Pequena narrati-

4. Cf. Artur Portela. Entrevista. In. Cardoso Pires por Cardoso Pires, Lisboa: PDQ, 1991, p.36.

5 Cf. Artur Portela. Entrevista. In. Cardoso Pires por Cardoso Pires, Lisboa: PDQ, 1991, p.37.

va alegórica que sugere uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoas, animais ou entidades inanimadas”. Aristóteles, em sua *Arte Poética*, propõe um modelo de fábula, que pode ser entendida segundo duas regras básicas: unidade de tempo, ação e espaço; divisão em partes, com prólogo, complicação, clímax, desenlace e epílogo.

Seguindo a estrutura proposta pelo filósofo grego, o que marca *Dinossauro Excelentíssimo* é justamente um tom fabular, com personagens e situações significativamente alegóricos: o dinossauro, os mexilhões, os doutores, a câmara de torturar palavras “onde verbos e substantivos, cedilhas e restante população dos dicionários sofreriam tratamento em último grau” (Pires, 1999, p.56).

Além disso, há um certo tom de oralidade no texto a partir de um “contador de estórias”, que relata à sua filha Ritinha a saga do Dinossauro Excelentíssimo. É um livro para ser lido em voz alta, como se estivéssemos em roda de amigos, desejosos de conhecer, através das metáforas do livro, parte de uma história amarga de Portugal que perdurou por mais de cinquenta anos, tempo da ascensão e queda de um regime mutilador, responsável por profundas e incuráveis cicatrizes em cada um dos que o viveu.

Conforme caracterizado na fábula *Dinossauro Excelentíssimo*, no Reino do Mexilhão, terra de muitos doutores, houve para Dinossaurus Um, Imperador e Mestre, palmas e um grito de “Viva o Mestre Imperador”. Dinossauro Pai da Pátria, o homem que veio do nada. “Supõe-se, está vagamente escrito que esse imperador veio realmente

do nada”; doutor excelentíssimo; *Universitas Sapientia Omnium; In hoc signo vinces!*; “Salve o Imperador”; “Viva a felicidade dos pobres!”; “Está escrito pelos gregos que quem muito se olha cega e quem muito se ouve perde a voz”. Seu nome? Salazar. Mas poderia se chamar “Francisco ou Vitorino; Adolfo, talvez Adolfo Hirto; ou Beninito Marcolino, Zé Fulgêncio, Sebastião Desejado – não interessa. O que interessa é que quando deram por ele já tinha outro nome: Imperador”.

O autor explora, com os nomes, o aspecto lúdico, também presente nas fábulas. Quaisquer semelhanças com os nomes dos tiranos Benito Mussolini, Adolf Hitler, João Franco ou do príncipe D. Sebastião, promessa do Quinto Império, não são meras coincidências. O texto alegoriza a ascensão de um ditador e o início de um longo e, para alguns, interminável período de censura e de tortura. Uma época de horror em que “pode-se roubar tudo a um homem – até a morte. Rouba-se-lhe a morte com a mesma facilidade com que se lhe rouba a vida, a face ou a palavra, que são coisas mais que tudo inestimáveis”.

A Censura é representada como a Câmara de Torturar Palavras, capaz de fazer o Mexilhão, metáfora do povo português, calar-se, ou, ainda, de forçá-lo a dizer, acarretando um processo de *ser censurado*, *censurar o outro* e, por fim, de *censurar-se*. A censura manipula as palavras. A *ordem*, subversiva, torna-se *medo*, *morde* e *morte*. Uma nova significação, fazendo com que se cale o Mexilhão,

ou, em uma segunda instância, com que não seja ouvido. Cardoso Pires caracteriza o Mexilhão como uma

Criatura (porque o é), criatura à margem, mirrada, coisa pequena; bicho que se alimenta de água e sal, do sumo da pedra, ou de milagres, quem sabe – o mexilhão, oh vida, tem a ciência certa dos anónimos: pensa e não fala, vai por si. Se virou costas à terra foi por culpa dos dê-erres e da conversa em bacharel com que o atacavam; unicamente por cansaço, desinteresse. Agora na sua condição de habitante do litoral era com o oceano que desabafava, levava o dia a medir o infinito e a resmoer o seu ditado preferido: Quando o mar bate na rocha quem se lixa é o mexilhão.

Historicamente, cada vez mais fechado em si mesmo, Portugal parecia viver uma época sem fim. Quando surgia uma esperança, uma perspectiva de mudança – e a Segunda Grande Guerra foi uma delas – tão logo o sonho se perdia. Em uma imagem, é como a amante que, estando no porto, a cada embarcação que chega, frustra-se ao perceber que não aporta o amado.

Segundo Fernando Rosas, a lenta agonia do salazarismo atinge o auge com o início da guerra colonial em África e com a “abrilada” de Março de 1961, tentativa frustrada de os reformistas mudarem o curso do regime totalitarista. Aos 80 anos, em 1968, e após operar a 4 de Setembro ao hematoma cerebral causado pela queda de uma cadeira de lona no Verão desse ano, Salazar piora, e os médicos declaram a sua incapacidade física permanente para o exercício das funções. Esgotadas todas as esperanças e esforços para o recuperar, a

18 de Setembro o Conselho de Estado [...] inicia o processo constitucional da sua substituição. Após ouvir cerca de 40 personalidades das elites políticas, militares e financeiras do regime, o presidente da República, Américo Tomás, algo contrariado, sentindo que “a sua escolha não seria a ideal”, acaba por indicar Marcello Caetano para presidente do Conselho, cargo de que este toma posse a 23 de setembro de 1968⁶.

Cardoso Pires cria para Salazar a imagem do homem que desafia o tempo, o que explica, em parte ao menos, o título do livro. Estima-se que os dinossauros tenham desaparecido há mais de 65 milhões de anos, criaturas pré-históricas, fósseis.

O Imperador logo de manhãzinha arrastava a figura de dinossauro e dava os bons dias a si mesmo diante dos espelhos. Perguntava:

“Espelho, Fiel Espelho, Onde É Que Neste Reino Houve Alguém Que Desafiasse O Tempo Com O Eu?”

“Jamais, Senhor, Jamais. A Vida Regrada, O Saber E A Palavra Tornam O Homem Imortal”.

respondiam os espelhos ensinados⁷.

Mas até mesmo os imortais um dia caem. Enfurecido com um substantivo que acabava de cair na rede da censura, o Imperador e Mestre investe contra a palavra. Percebe que ORMED torna-se O-

6. Cf. Fernando Rosas. *História de Portugal: o Estado Novo*. Direção de José Mattoso. Lisboa: Estampa, 1994. p.485.

7. Cf. José Cardoso Pires. *Dinossauro Excelentíssimo*. 7. ed. Lisboa: PDQ, 1999, p.104.

REDM, DEROM, MORED. Então, MORDE, para em seguida tornar-se MEDO. Mas fica trespassado ao perceber que daí surgiu uma nova palavra: ORDEM. “Não podia acreditar, era o fim, que uma palavra tão trabalhada como Ordem, tão purificada, se pudesse transformar em Medo e ainda por cima mordesse”⁸.

Lutando contra a palavra carregada de peçonha, que crescia cada vez mais, metros e metros de palavra, o Dinossauro, já velho e fraco, cai. Em um último esforço tenta agarrar-se a uma estátua, feita à sua imagem e semelhança: o seu “irmão de bronze”.

Conseguiu pendurar-se nele e, esperneando, tentou içar-se, sair daquela humilhação. Foi nesse momento que, pavor dos pavores, a estátua se inclinou para ele, quase gentilmente, num segredo, a lenta oscilação de um centímetro, dois centímetros, e depois de uma hesitação, desabou-lhe em cima [...] Quando os guardas da Torre das Sete Chaves chegaram à sala do Conselho [...] o Douktor Dinosaurus jazia, de olhos esbugalhados, sem brilho.

Morre o Dinossauro Excelentíssimo, mas permanece o seu fantasma. Entretanto, ao cabo do livro, pela fala do narrador, fica a sensação de algo que um dia há de vir. É o sonho da mudança, o sonho de uma Revolução: “[...] fiquemo-nos por aqui, que o conto agora vai longo e repetido. Fecha o livro. Arruma-o em qualquer parte e manda passear os fantasmas. Fartámo-nos de falar de mortos, de velhos, de mistérios, quando afinal temos tanto para viver. Não

8. Cf. José Cardoso Pires. *Dinossauro Excelentíssimo*. 7. ed. Lisboa: PDQ, 1999, p.114.

é?”. A estória contada, inspirada em uma História de Portugal está encerrada. Mas não esta. Resta viver o presente, pois acima de tudo, há a vida.

Mais de 30 anos se passaram desde o 25 de Abril de 1974. O tema da Revolução dos Cravos, seus antecedentes e ecos, tem se mostrado fonte inesgotável de estudos. Passo importante para a cultura e democracia de um povo, a data representa, segundo muitos críticos, o (re)início da História de Portugal. Mas afinal, o que foi o 25 de Abril? Nas palavras de Eduardo Prado Coelho

Foram tantas coisas ao mesmo tempo. Foi o fim da guerra colonial, – embora o início de um processo de descolonização confuso, atribulado e sangrento. Foi a reconquista da democracia mínima, como diria Norberto Bobbio, e a rodagem dos seus novos mecanismos, e com isso a recusa feroz de qualquer nova forma de censura, de todos os processos de opressão, de todas as polícias sem controle, de tudo o que de perto ou de longe evocasse o tempo salazarento em que os discursos do "velho abutre" tinham o dom de tornar «as almas mais pequenas» (para glosar um poema de Sophia de Mello Breyner). E foi a entrada num tempo em que “as almas se sentiam maiores”⁹.

A verdade é que o 25 de Abril foi uma grande surpresa. Lisboa estava cercada por tropas militares e o Rádio Clube pedia a todos que

9. Cf. Eduardo Prado Coelho. In. *Centro de Documentação 25 de Abril*. http://www.uc.pt/cd25a/aedp_po/textos/th_1.htm. Visitado em 18 de junho de 2005.

se mantivessem em casa. Às oito da manhã anunciava: “Aqui, Posto de Comando das Forças armadas. Não queremos derramar a mínima gota de sangue”, para depois de certo silêncio voltar: “Aqui o Movimento das Forças Armadas que resolveu libertar a Nação das forças que há muito a dominavam. Viva Portugal!”. José Gomes Ferreira escreve:

Abro a janela e apetece-me berrar: acabou-se! acabou-se finalmente este tenebroso e ridículo regime de sinistros Conselheiros Acácios de fumo que nos sufocou durante anos e anos de mordanças. Acabou-se. Vai recomeçar tudo.

A Maria Keil telefonou. O Chico está doente e sozinho em casa. Chora. (Nesta revolução as lágrimas são as nossas balas. Mas eu vi, eu vi, eu vi!)

Antes de morrer, a televisão mostrou-me um dos mais belos momentos humanos da História deste povo, onde os militares fazem revoluções para lhes restituir a liberdade: a saída dos prisioneiros políticos de Caxias.

Espectáculo de viril doçura cívica em que os presos... alguns torturados durante dias e noites sem fim.... não pronunciaram uma palavra de ódio ou de paixões de vingança.

E o telefone toca, toca, toca... Juntámos as vozes na mesma alegria. (Só é pena que os mortos não nos possam também telefonar da Morte: o Bento de Jesus Caraça, o Manuel Mendes, o Casais Monteiro, o Redol, o Edmundo de Bettencourt, o Zé Bacelar, a Ofélia e o Bernardo Marques, o Pavia, o Soeiro Pereira Gomes e outros,

muitos, tantos... Tenho de me contentar com os vivos. Porque felizmente dos vivos poucos traíram ou desanimaram. Resistimos quase todos de unhas, cravadas, nas palmas das mãos...

De repente, estremeço, aterrado.

Mas isto de transformar o mundo só com vivos não será difícil?

Saio de casa. E uma rapariga que não conheço, que nunca vi na vida, agarra-se a mim aos beijos¹⁰.

A Portugal acabava de ser dado páginas e páginas em branco, para que, a partir delas, uma nova história pudesse começar a ser escrita. Uma espécie de Portugal, Ano Um, em uma escrita de democracia e liberdade, sem os assaltos de um regime ditatorial que pretendia roubar até mesmo o pensar de cada um que esteve sob sua égide. (Re)escrever a História de Portugal não significa apagar ou esquecer os anos de tortura – física ou mental – pelos quais passaram os portugueses, mas, a partir dos episódios diários de terror e sofrimento, buscar o exemplo para o que se pretende para uma nova História de Portugal

E para entender o que foi a Revolução dos Cravos, a Revolução dos Capitães, nada melhor que “ouvir” os testemunhos daqueles que viveram e sentiram o 25 de Abril. Para a pergunta de José Gomes Ferreira, talvez a resposta seja *sim, transformar o mundo só com*

10. Cf. José Gomes Ferreira. In. Centro de Documentação 25 de Abril. http://www.uc.pt/cd25a/aedp_po/textos/tl_3.htm. Visitado em 18 de junho de 2005.

vivos será difícil. Mas a memória daqueles que pereceram durante o período de escravidão intelectual perdurará. Seus nomes, agora, ecoarão.

Para essa nova História que há de ser escrita, destaca Cardoso Pires a função do escritor:

Assim, é todo um país que sai do antigamente-na-noite e que se discute à luz do dia. E que melhor garantia poderão ter os escritores para a defesa da liberdade do que viver num país aberto à crítica? Que maior força pode impedir que a arte se torne totalitária do que a violência sobre a burocracia da decisão? [...]. Tudo faremos, pois, para que a verdade não se torne burocrática nem se transforme em *slogans*. Queremo-la dinâmica e com todos os reflexos. Para isso temos o povo e liberdade¹¹.

Escreveu Cardoso Pires que “há mil maneiras de se dizer liberdade e mil maneiras de a aprender”. Palavras de um escritor que, sempre comprometido com o que escrevia, ajudou na concretização de um sonho que foi o 25 de Abril. Buscou a liberdade de ser escritor, comprometeu-se em ser um escritor e, por isso, teve de exilar-se, passando algum tempo longe de sua terra natal.

Se para Maria Velho da Costa o escritor é aquele que deixa “brotar na escrita um fluxo que lhe escorra do sentir-se apunhalado

11. Cf. José Cardoso Pires. Sete parágrafos sobre a liberdade e algumas inscrições murais. In. *E agora José?*. 2. ed. Lisboa: PDQ, 1999, 221-222.

nas costas por uma faquinha de cozinha, canhestra mas mortal”¹² e que escreve sem ver a quem, mas, vê tudo, a autora pode dizer que José Cardoso Pires é um escritor de seu país. Do que existe. Porque Cardoso Pires tinha um profundo compromisso com a verdade, e esta devia sempre prevalecer. Doesse a quem doesse.

12. Maria Velho da Costa. Manifesto de escritor em linguagem fácil para uma campanha difícil. In. *Cravo*. 2. ed. Lisboa: PDQ, 1994. p. 27.